

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



Caro leitor,

Este mês temos um convite especial. Tire um tempo para refletir sobre o sentido do termo assexual - afinal, segundo dados do Programa de Estudos da Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (ProSex-IPq), cerca de 7,7% das mulheres brasileiras e 2,5% dos homens entre 18 e 80 anos são assexuais. Mas, afinal, o que é ser um indivíduo assexual? As pessoas assexuais têm desejo sexual? Elas namoram? Elas podem ter filhos? Temos certeza que ao final da leitura deste boletim você irá esclarecer essas e muitas outras dúvidas! Mais informação é menos preconceito! E menos preconceito é mais saúde!

Nossos verbetes vão te ajudar a compreender um pouco sobre a temática:

ASSEXUAL

Trata-se de uma orientação sexual referente às pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração sexual, independente do gênero. Pessoas assexuais podem ter atração romântica por outro indivíduo, bem como gostar de toques e ter o desejo de estar em um relacionamento afetivo - pode haver amor, interesse e, até mesmo, intimidade. No entanto, assexuais dificilmente se sentem atraídos sexualmente por pessoas que gostariam de se relacionar romanticamente.

A assexualidade é entendida como um espectro, sendo que em um extremo temos aqueles que não sentem atração sexual sob nenhuma condição, como é o caso daqueles conhecidos como “assexuais estritos”. Já por outro lado temos os assexuais que possuem atração sexual em situações específicas, como é o caso dos “demissexuais” que necessitam de algum formato de conexão emocional antes de experimentar a atração sexual.

ALOSSEXUAL

No movimento de nomear aquilo que é tido como “normal” o movimento assexual cunhou a terminologia “alosexual”, que se refere a pessoas que sentem atração sexual com frequência e intensidade socialmente aceita, ou seja, pessoas que não experienciam alienação, violência e marginalização devido a forma como seu desejo sexual se manifesta.

A alossexualidade também evidencia a forma como os saberes médicos produziram a ideia de um “desejo sexual normal”, sendo que qualquer distanciamento desse ideal passa por um processo de patologização e moralização. Um desejo inferior a esse ideal é caracterizado como “transtorno do desejo sexual hipotativo”, já um desejo superior ao “normal” pode ser caracterizado como ninfomania, enquanto pessoas que se enquadram nessas categorias nosológicas podem estar em sofrimento psíquico. Os conhecimentos de atravessamentos sociais, como a assexualidade, auxiliam na construção de melhores abordagens terapêuticas.

Nossa colaboradora Maria Nogueira fez uma leitura do artigo “**ASSEXUALIDADE: OS DESAFIOS PARA O RECONHECIMENTO E ACEITAÇÃO SOCIAL**” de autoria de Camila Marcela Nemezio Lima e traz um resumo dos principais pontos levantados pela autora.

O objetivo da pesquisa foi elucidar alguns desafios e aspectos sociais relacionados ao reconhecimento e aceitação social da assexualidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental realizada através da análise dos depoimentos presentes no veículo de comunicação da BBC News Brasil em uma matéria sobre a assexualidade. A autora destaca a escassez de bibliografia e pesquisas sobre a temática, sendo as poucas existentes bem recentes. Ela destaca o papel do blog de Asexual Visibility and Education Network (AVEN) que se caracteriza como uma comunidade para os indivíduos que se identificam como assexuais. O blog traz discussões pertinentes acerca da temática.

A autora destaca a pesquisa de Scherrer (2008) que indagou aos participantes membros da comunidade Asexual Visibility and Education Network (AVEN), sobre a autocompreensão da assexualidade. O autor acabou por obter respostas abundantes e díspares, então constatou a partir dos dados que a ausência de atração e de desejo sexual era uma característica predominante na narrativa dos participantes. Contudo, a definição não era unânime, além de considerar as dimensões românticas, isto é, o interesse romântico que alguns assexuais experimentam. A partir da análise dos depoimentos, verificou-se que o conceito de assexualidade para os participantes do Blog é bastante plural. No que se refere, por exemplo, aos níveis de atração sexual que os indivíduos sentem, os depoimentos destacam indivíduos que experimentam a atração sexual, contudo em contextos específicos. Também há indivíduos que apresentam atração sexual apenas por indivíduos com os quais possui algum vínculo afetivo.

Alguns relatos, apontam para a perspectiva patologizante e medicalizante da assexualidade. Outro elemento a ser destacado na narrativa refere-se ao fato que as experiências assexuais não são muito bem compreendidas pela sociedade de forma geral. Costuma ser frequente a concepção de que os assexuais não enfrentam indiferenças, discriminações ou opressões. Entretanto, alguns estudos apontam que a exclusão e o não reconhecimento de experiências assexuais acabam por acarretar taxas mais elevadas de retraimento social, problemas interpessoais e até mesmo tentativas de suicídio quando comparada as outras orientações sexuais. A autora conclui que há muito a ser estudado acerca da temática da assexualidade humana. Gostou?



LEIA O TEXTO NA ÍNTEGRA

ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS

Entrevista Olívia

1. Olívia, você poderia se apresentar para a gente?

Bem, vamos lá. Meu nome é Olívia, tenho 25 anos. Sou carioca, mas moro agora em Minas Gerais. Sou formada em psicologia pela UFMG e agora mestranda também pela UFMG, pesquisando raça e assistência social. Sou também supervisora técnica no programa BH de Mãos Dadas Contra a AIDS, da prefeitura de Belo Horizonte, que trabalha saúde sexual e saúde reprodutiva, focando na prevenção de IST's (infecções sexualmente transmissíveis) e sua redução de danos.

Sou bissexual, birromântica, assumida há 10 anos e me identifico enquanto assexual também há por volta de 7 anos, bastante tempo. Sou uma mulher negra, uma pessoa pobre e que está aí tentando trabalhar raça, sexualidade e gênero também, porque eu não tenho como falar sobre essas coisas sem falar de gênero. Enfim, sou isso tudo. Uma mulher cis e birromântica, assexual, negra e tentando fazer seus corres.

2. Como você entende a Assexualidade?

Eu entendo assexualidade como uma ausência parcial ou total de atração por outras pessoas. Então, por exemplo, quando você fala da demissexualidade, que é a parte do espectro da assexualidade onde eu me encontro no momento, você está falando de uma atração que ela é condicional. Ou seja, ela só acontece quando há um vínculo emocional, afetivo, com a outra pessoa. Tirando isso, a atração ou não vem ou é muito, muito rara. Então entendo a assexualidade também como um espectro entre esse parcial ou condicional total.

Existem aí também as que chamam de microidentidades, onde as pessoas se encontram e descrevem a própria atração. E é uma sexualidade que coexiste com com outras identidades, outras orientações de gênero, como no meu caso, né? Pode ser a bissexualidade e a assexualidade, ou também a heterossexualidade e a sexualidade...A assexualidade, enquanto parte da sigla LGBTQIAPN+, o A está aí não é à toa. Ela se resume com base nessa ausência parcial ou total de atração.

Também diferencio essa atração de um desejo sexual no geral porque eu posso estar com tesão (eu gosto muito de fazer comparação com comida), mas não querer comer nada que tem disponível.

Uma mulher lésbica ou um homem hétero, podem estar com muita vontade de transar, mas se tiver um homem disponível, eles não vão sentir vontade de transar. Ou vão (aí depende da pessoa, né?), mas pouca ou condicionada.

3. Se entender assexual mudou algo na sua vida?

É, me entender enquanto assexual mudou muito a minha vida, bastante. Primeiro porque mexeu muito com a minha visão do meu próprio corpo. Assim, por muito tempo, por não sentir atração sexual, por não sentir aquele tesão todo em pegar gente, em transar com as pessoas, eu me sentia muito sem valor. E isso entra muito na interseção que a gente tem entre raça e gênero também, porque pessoas negras, no geral, são hipersexualizadas. Seu valor é colocado enquanto você consegue estar disponível sexualmente para outras pessoas, principalmente enquanto uma mulher negra. E então, por não sentir isso e por saber ver que em muitos momentos o interesse que as pessoas tinham em mim era só esse, eu não conseguia ver valor nesse corpo, eu me sentia muito frustrada, muito frustrada de não corresponder a essa experiência. Então, em vários momentos eu disse sim para coisas que eu não queria realmente ter dito sim, porque eu sentia que eu tinha que ver o quanto que eu ia gostar, o quanto que eu ia conseguir.

E corresponder, afinal, se alguém gostava de mim, como que eu ia dizer não? Como que eu ia dizer que eu não estava afim? Como que eu ia não estar disponível para o afeto do outro? Então começar a me entender assexual me fez entender o meu corpo de uma outra forma, que o meu corpo não estava a essa disposição. Só se eu quisesse. E se eu realmente tivesse afim, se eu realmente sentisse esse desejo. E que a forma como eu construo o meu desejo diz respeito a mim e não ao outro e sobre esse olhar do outro sobre mim. Então, a assexualidade fez com que eu olhasse o meu corpo de uma outra forma, sabe? Não o corpo voltado para o sexo, montado para o desejo de outra pessoa, e sim um corpo voltado para o meu prazer.

Entendendo também o prazer como uma coisa multifacetada. Eu acho que isso também se modificou bastante quando eu entendi minha sexualidade, como eu entendia esse prazer, que existem várias formas de sentir prazer com o corpo.

Existem várias formas de sentir prazer com outra pessoa. Não só o prazer sexual, não só o prazer é que tá colocado aí de forma normativa. E pensar a assexualidade também me fez descobrir outras comunidades, como pensar na monogamia que, por mais que sejam questões, digamos assim, separadas, ainda estão dentro dessa discussão do que é sair da norma, do que é esperado numa relação.

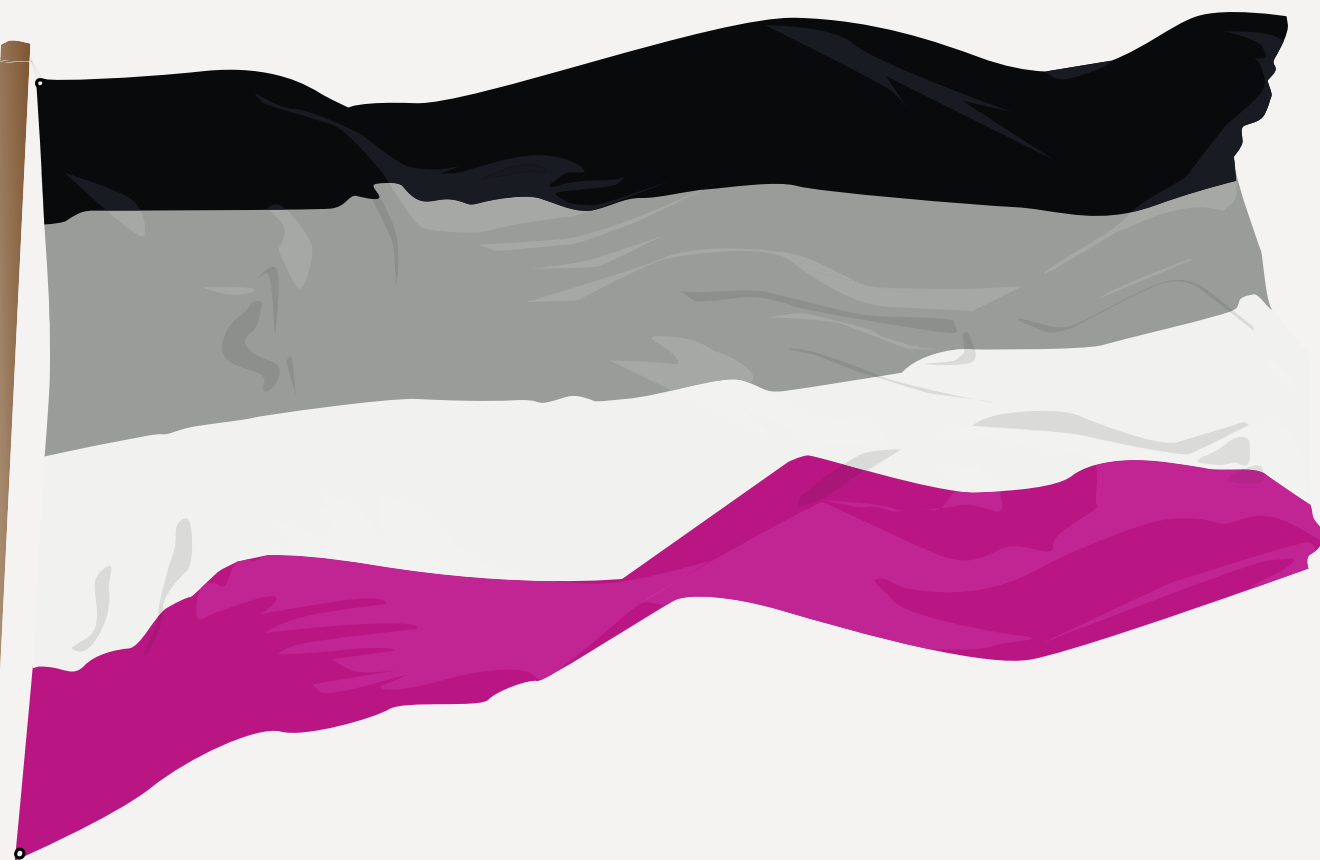
Um dos pilares da relação monogâmica básica é o sexo. Então quando você pensa numa relação sem sexo, você já está aí extrapolando um pouco o que que é essa relação, o que que é esperado de você, o que que é um padrão de relacionamento, o que que é essa escadinha relacional... você começa a pegar, você namora, você casa, você tem filho e para isso tem que estar o sexo no meio. Inclusive, para ter a traição tem que ter o sexo no meio. Então, apesar da traição ter outros significados também, pensar a assexualidade me fez pensar nas formas como eu gostaria de me relacionar. Me fez pensar a forma como eu me relaciono com meu corpo e como esse corpo está no mundo, assim como eu me vejo, como eu quero que as pessoas me vejam. E o que eu faço com esse olhar, não só absorver. Como se esse olhar dissesse mais sobre mim do que eu tenho a definir sobre mim, sabe?

4. Quais os desafios que você identifica hoje para a comunidade assexual?

Eu acho que um grande desafio da comunidade esse hoje é conseguir discutir as questões de não naturalizar o que é esse sexo normativo, o que que é esse prazer, sem acabar se alinhando a um conservadorismo. Porque acaba que em muitos momentos o discurso da assexualidade nem é intencionalmente conservador, mas muitas vezes é cooptado também por um discurso conservador de que o sexo é sujo, o sexo é ruim, o sexo é um problema... E não, sexo não é para ser um problema, sexo é para ser explorado das formas como se tem vontade, vontade de viver o tesão, de viver a atração ou a não atração. É uma escolha de cada pessoa.

A gente poder conversar sobre isso, conversar sobre gostar ou não gostar, não necessariamente tem que passar por uma moralização do que a gente está chamando de sexo. E eu entendo por onde vai esse caminho de tentar se distanciar daquilo que se não se identifica. Então “Ah, eu, eu não transo e isso tem que ter algo positivo” ou então “pelo menos eu não sou sujo igual o resto das pessoas”. Isso é uma linha de pensamento que eu já vi acontecer e que eu acho muito tenso porque isso a pessoa acaba se privando de viver a própria sexualidade, mesmo que ela perpassa uma não atração por outras.

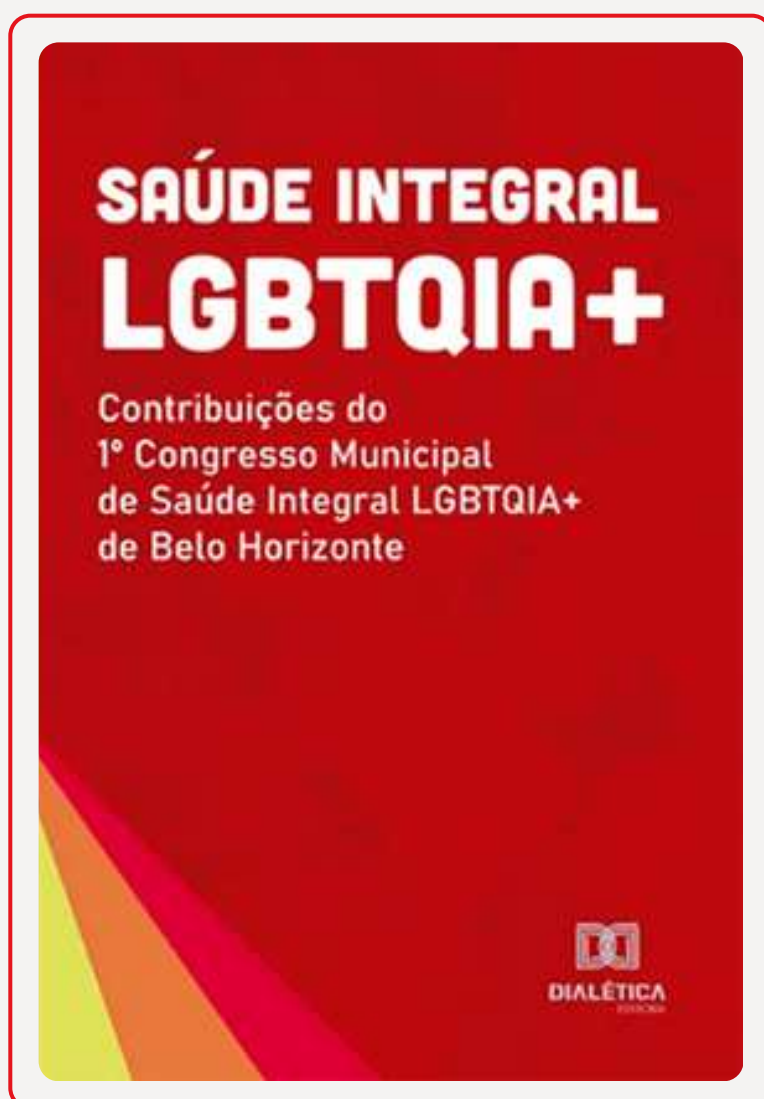
Então acho que o principal desafio agora é esse. A gente já tem bastante conteúdo sobre a sexualidade agora na internet - mesmo que não chegue bem perto de ser o suficiente, principalmente se a gente pensar em conteúdo científico - mas existem comunidades, existem grupos, existem pessoas. Então você entra no Twitter da vida, você acaba achando informações direta ou indiretamente. Longe de mim falar que é o suficiente, não é! Mas dá para achar. Mas como esse discurso vai acontecer? Como que isso vai acabar não estando perto do conservadorismo? Acho que esse é o grande desafio.



ACONTECEU, A GENTE COMENTA!

No dia 24 de Junho de 2024 foi organizado o 1º Congresso Municipal de Saúde Integral da População LGBTQIA+ de Belo Horizonte, organizado pelo Observatório de Direitos Humanos e da Diretoria de Políticas para a População LGBT, da Subsecretaria de Direitos de Cidadania da Prefeitura de Belo Horizonte, e do Projeto “Menos Preconceito é Mais Saúde: Divulgação Científica sobre Saúde Integral LGBT”, conduzido pela Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG).

Nesse evento foram discutidas temáticas cara a população LGBTQIAPN+, como a promoção de saúde para pessoas trans e travestis, saúde mental, envelhecimento, prevenção de ISTs e saúde sexual. Com base nesse evento foi produzido um livro que se encontra disponível para download gratuito que compila falas dos palestrantes para que todos tenham acesso às discussões levantadas neste espaço.



FIQUE LIGADO:

Quantas vezes você já teve dúvida ao atender uma mulher trans? Um homem gay? Um indivíduo assexual? Já se perguntou quais pronomes usar? Sabe o significado da sigla LGBTQIAPN+? O que é nome social?

Se você tem algumas dessas questões sem resposta ou tem outras dúvidas sobre saúde da população LGBTQIAPN+, esse convite é para você:

Curso: Conhecer para Cuidar.

Modalidade: EAD autoinstrucional.

Carga Horária: 30 horas-aula.

Objetivo: contribuir para a qualificação dos profissionais da Rede de Atenção à Saúde do SUS para o atendimento à população LGBTQIAPN, garantindo maior acesso dos mesmos aos cuidados de saúde na perspectiva da integralidade e humanização.

Inscrições: do dia 17 ao dia 24 de abril, nas redes sociais da Escola de Saúde Pública, e no instagram *menospreconceitoemaisaude*.

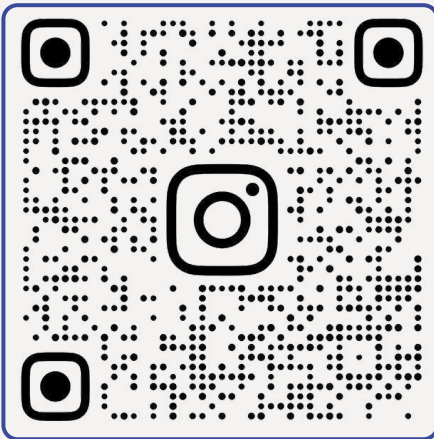
Pré-requisitos: Atuar na Rede de Atenção do SUS do estado de Minas Gerais.

O curso foi elaborado por uma equipe Interdisciplinar e contou com conteudistas da comunidade LGBTQIAPN.

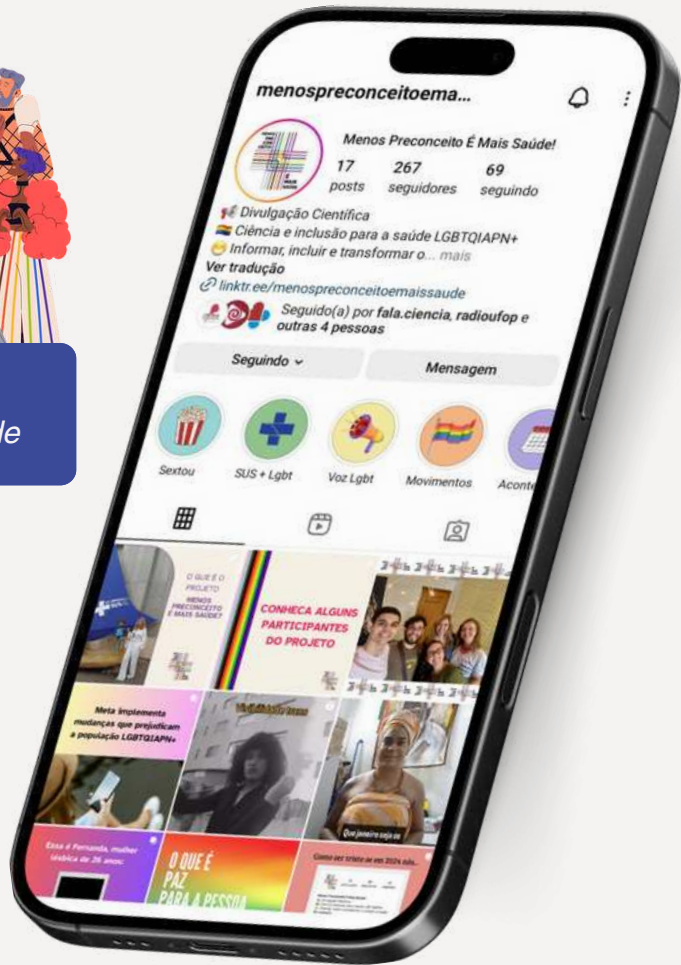




Siga-nos no Instagram:
@menospreconceitoemaissaude



Menos Preconceito e Mais Saúde



FICHA TÉCNICA

Produção de conteúdo e redação: Enrico Martins Poletti Jorge (Bolsista Fapemig), Maria José Nogueira (ESP-MG) e Victor Sidarta M. Noujeimi (Bolsista Fapemig).
Revisão: Maria José Nogueira.

REALIZAÇÃO	PARCERIA	APOIO

Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG .